

JOSIANE MARIA DE SOUZA (*)

FERNANDO PESSOA

E

A

CRÍTICA

ABSTRACT

In this article, the author refutes the false solutions that the problem rouses about the several heteronymous pseudonyms of the great Portuguese poet.

RESUMO

A autora rebate, neste artigo, as falsas soluções que o problema dos heterônimos do grande poeta português suscita.

(*) Ex-aluna do Curso de Letras desta Faculdade e mestranda na PUCCAMP.

No próximo ano, comemora-se o cinquentenário da morte do poeta Fernando Pessoa, e a preocupação maior dos seus críticos gira em torno da questão do fenômeno da heteronímia. Nesse contexto, a crítica procura encontrar, por meio dos heterônimos, o verdadeiro "eu" do poeta. Mas aqui se impõe uma questão fundamental: o que é - o "eu"? O "eu" não é uma unidade absoluta que pode ser medida em seu grau de verdade e sinceridade. A poesia não pode -- ser considerada idealisticamente como função totalizadora da verdade e pura expressão do "eu". O "eu" não existe como totalidade constituinte de si mesmo, e sim é uma organização de funções que o indivíduo mascara e apresenta diante dos outros. No "eu" existe muito dos outros, é o que Bernardo Soares, um dos heterônimos de - Fernando Pessoa, declara no Livro do Desassossego :

"Cada um de nós é vários, é muitos, - é uma prolixidade de si mesmos. Porisso - aquele que despreza o ambiente não é o - mesmo que d'ele se alegra ou padece. Na vasta colônia do nosso ser há gente de - muitas espécies, pensando e sentindo diferentemente. Neste momento, em que escrevo, num intervalo legítimo do trabalho hoje escasso, estas poucas palavras de impressão, sou o que as escreve atentamente, sou o que está contente de não - ter nesta hora de trabalhar, sou o que - está vendo o céu lá fora, invisível de - aqui, sou o que está pensando isto tudo, sou o que sente o corpo contente e as -- mãos ainda vagamente frias. E todo este mundo meu de gente entre si alheia proje

ta, como uma multidão diversa mas compacta, uma sombra unida — este corpo quieto e escrevente com que reclinio, de pé, contra a secretária alta do Borges onde vim-buscar o meu mata-borrão que lhe emprestara." (1)

O problema vivenciado por Fernando -- Pessoa não é a busca da unidade do "eu", o seu conflito não reside na órbita pura da individualidade, não se pode querer encontrar identidade absoluta no que existe para os outros e não para si mesmo. A absolutização do "eu" leva a busca da verdade, da sinceridade em sua existência absoluta e objetiva como se elas fossem unidades - reais e com um poder imenso de atuação no meio social; quando na realidade elas são categorias criadas pela sociedade como limites de aceitação dos indivíduos. A busca de Fernando Pessoa concentra-se na unificação do seu mundo, do seu espaço social, pois o mundo moderno perdeu a sua unidade, o seu valor como totalidade. O homem moderno perdeu os seus deuses e o seu espaço de existência fragmentou-se. A busca de Fernando Pessoa não é a da identidade de si mesmo, e sim da identidade do seu mundo.

Enquanto a crítica permanecer na busca do verdadeiro "eu" de Fernando Pessoa, continuará perdida dentro do labirinto que o próprio poeta criou e que se forma a partir do momento em que ele desmembra a textura em múltiplos caminhos, e dessa forma

(1) Soares, Bernardo (Fernando Pessoa), Livro do Desassossego, pp. 23 e 24, vol. I

o crítico tende a tornar-se prisioneiro de um deles.

Gaspar Simões, o primeiro grande crítico do poeta, opta para a explicação da heteronímia através do conceito de "histero-neurastênico" que o próprio Fernando Pessoa "assumiu" numa carta de 13 de janeiro de 1935 enviada para um crítico(2). Por que Fernando Pessoa usa desse artifício para explicar a gênese dos heterônimos? O que há de verdadeiro nessa afirmação? Como separar o cinismo do poeta da sua vontade real de crer nessa explicação? Muitos outros caminhos foram apontados pelo poeta, tais como: psicológico, oculto, filosófico, sociológico, linguístico e patriótico. Ao basear a explicação dos heterônimos nas teorias de Max Nordau, Fernando Pessoa utiliza uma concepção tida como muito "moderna" para explicar os artistas modernos: Todos são uns degenerados.

Na concepção de Max Nordau, os artistas chamados de "modernos" estavam degenerados e atacados por um mal que ele chamou

-
- (2) "Começo pela parte psiquiátrica. A origem de meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia, que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação."

Pessoa, Fernando, in Fernando Pessoa/Obras em Prosa, p. 95.

de "fim de século", portanto a arte que eles criavam era degenerada. Nessa perspectiva, Max Nordau não conseguiu ver que os artistas na modernidade estavam sendo marginalizados e colocados na sociedade como pessoas não-produtivas, já que a palavra de ordem é o capital. O poeta é arrancado da sociedade, portanto o que ele deve fazer é tornar-se um maldito, ele já não pode mais ser alimentado pela sociedade em que vive, mas sim deve buscar um -- universo paralelo para existir. O próprio homem em sua posição ontológica, na raiz do seu ser, começa a ser visto como uma -- máquina que pode ter o seu cérebro medido e dessa forma o seu caráter determinado. -- A engrenagem social deve ter sob seu controle todos os elementos que a compõe. -- Quem "ousa" sair dessa engrenagem estabelecida pela classe dominante? O artista, -- e então surge Nordau e determina: o artista moderno tem uma mentalidade "fim de século".

O conceito de beleza dos artistas modernos é motivo de escândalo, pois justamente eles recorrem ao que era até então considerado como falta de beleza para construir a sua arte. A beleza, um conceito -- determinado pelo padrão capitalista para adquirir valor dentro da sociedade burguesa, é contestada pelos artistas modernos -- que rejeitam a idéia da arte como produto de consumo. Toda a arte que não obedeces- se os padrões artísticos, era vista como uma obra marginal produzida por histéri- cos, o artista é retirado do mundo da "nor- malidade burguesa".

Em resumo, se os artistas são degene-

rados e histéricos, a sua arte é uma arte de loucos. Essa é a defesa mais fácil que a classe dominante tem quando alguém quebra as suas regras e perturba a sua estrutura. Fernando Pessoa aplica os conceitos de Nordau ao caso dos heterônimos para de certa forma tranquilizar o crítico, pois quem aceita essa explicação sente-se tranquilo, dessa forma o poeta torna-se mais um louco que ousa não ter um "eu" determinado. Mas será que Fernando Pessoa dentro de seu racionalismo acreditava realmente nessa explicação?

Fernando Pessoa pode facilmente ser enquadrado em explicações divergentes umas das outras, mas também com a mesma facilidade elas podem ser derrubadas. Em Fernando Pessoa não há uma linha reta a ser seguida, pois toda a sua obra é um paradoxo de si mesma, os caminhos abrem-se, mas também tornam-se becos sem saída, vielas tortuosas que se esvaziam através de si mesmas. Fernando Pessoa é resistente à crítica estruturada dentro de um único caminho, pois em qualquer ponto podem ser descobertas seqüelas.

Ultimamente, a crítica literária foi invadida por conceitos lacanianos, isto é, via Semiologia todas as questões científicas transformaram-se em signos linguísticos, e esta tornou-se a imagem do que há de "mais novo" e mais avançado dentro da análise crítica. Lacan tornou-se uma espécie de mago da psicanálise, pois deu a Freud uma imagem linguística e com isso toda e qualquer complexidade pode ser reduzida a um nível linguístico e, consequentemente, semiótico. Seguindo esse caminho,

Leyla Perrone-Moisés faz de Fernando Pessoa um caso linguístico-lacaniano. Até que ponto isso é válido? Como considerar a se guinte declaração?

"O que o crítico deve saber, isto sim, é que seu eu é apenas um efeito de lingua gem, e só como tal pode ter algum interes se. O meu caso pessoano foi o de um eu en tre duas línguas, um eu cuja identidade - lingüística Pessoa, o sem identidade, de- cidiu. Pessoa é também a coragem de dizer eu numa aflitiva desproteção; e é saber, - as duras penas, que o eu, afinal, não exis te." (3)

O "eu" é um efeito de linguagem ou é um produto social? E a linguagem? A iden tidade é um efeito de linguagem? E por -- que essa crítica literária-lacanianiana rece be este tipo de comentário?

(...)Leyla Perrone-Moisés tem a cora- gem ousada de anunciar (em meio a esta ma- lha confusa de citações excessivas ou im- provisões abusadas de que, geralmente, - se faz o exercício crítico entre nós) que "sobre a poesia é a própria poesia quem - melhor nos instrui." (4)

Onde está a ousadia de transformar tu do em significante? Lacan é recebido em -

(3) Perrone-Moisés, Leyla , Fernando Pessoa, Aquém do Eu, Além do Outro , p.3

(4) Régis, Sônia , Artigo publicado no Suplemento Cultura do jornal O Estado de São Paulo , --- (20/2/83)

determinados meios críticos com pouca reflexão, com pouco questionamento de suas bases, é como se o universo lacanian bas-
tasse a si mesmo. A "revolução" lacanianã em transformar tudo em significante é o -
mascaramento do universo em linguagem e -
dessa forma tudo pode ser resolvido lin-
güísticamente, o horizonte da realidade é o horizonte do significante.

Reduzir toda e qualquer coisa à condi-
ção lingüística é muito cômodo, pois a -
língua torna-se uma solução de significan-
tes e de significados, e a existência so-
cial é um discurso e como tal é uma ques-
tão de sintaxe. Onde entra nesse meio o -
homem como componente da sociedade? E a -
língua, essa deusa toda poderosa, existe-
por si só como substância universal, como
jogo de significantes que dão suas cartas
e determinam o "eu", o "outro" e tudo o -
que eles possam fazer. Em resumo, sem a -
linguagem as coisas transformam-se em vâ-
cuos, são esvaziadas de sua existência e
Fernando Pessoa que não conseguiu constru-
ir o seu suporte significante é um nada -
que está constantemente às voltas com os
outros nada lingüísticos. Pessoa é igual
a ninguém, parece que o problema lingüís-
tico não é de Fernando Pessoa, e sim de -
Leyla Perrone-Moisés que está usando pes-
soa como "personne" (ninguém), o suporte-
de seu significante está equivocado entre
o francês e o português. Leyla Perrone-
-Moisés declara:-

"Ora, é preciso, dizer uma vez por to-
das, que Fernando Pessoa "ele mesmo" não
existiu. Que o lugar designado por esse -
nome é um lugar desertado, que esse nome-

flutua na inter-dicção e margeia o discurso por ele assinado. É preciso render-se à evidência de sua perfeita invisibilidade, - devida à sua perfeita divisibilidade. É preciso confessar que Pessoa é um poeta fictício, tão irreal quanto os heterônimos que inventou." (5)

É preciso dizer também que se Fernando Pessoa é uma ficção, todos os seus críticos são caçadores de fantasmas que procuram o invisível, o irreal, o inexistente e como tal deveriam percorrer todas as casas assombradas para ver se numa delas está a chave desse mistério; e até quem sabe se - dentro de uma velha arca embolorada e escondida entre teias de aranha não surgirá - essa figura fantasmagórica do poeta, uma - ficção, uma personagem que se unirá às de Pirandello, em busca de seu autor. O esvaziamento lacaniano cai em sua própria armadilha, já que em seu jogo de significantes, ele também torna-se mais um significante à procura de um significado.

Tentar transformar Fernando Pessoa num caso lacaniano é apenas metamorfoseá-lo - num jogo de palavras (ninguém, pessoa, outro / falta, excesso) e preenchê-lo de um - vazio lingüístico.

A que leva esta destruição da crítica - em torno de Fernando Pessoa? Essa destruição traz o desafio de construir uma crítica que não traga conceitos absolutos para -

(5) Perrone-Moisés, Leyla , Fernando Pessoa, Aquém do Eu, Além do Outro , p. 12.

dentro da obra, que não aprisione o texto dentro de modelos pré-fabricados. A crítica em torno de Fernando Pessoa está centrada no fantasma do "eu", a procura da identidade, considerando a poesia como voz absoluta do "eu" e como tal a expressão da sinceridade. Ao defrontar-se com os heterônimos surge a questão: qual deles é o verdadeiro "eu"? Se o crítico aceita esse caminho fica bloqueado através dessa falsa identidade. Poesia é a voz do "eu", é o comando da subjetividade, como se a sinceridade fosse uma entidade estabelecida e dissecável concretamente. Fernando Pessoa não pode ser visto como uma multiplicidade de "eus" que buscava a sua identidade pessoal, o seu ego absoluto, e sim - como o poeta do século XX que racionalizou a perda de identidade do universo em sua dimensão social, isto é, em todos os termos do conhecimento humano.

* * *

BIBLIOGRAFIA

I- Obras de Fernando Pessoa:

Livro do Desassossego, Lisboa, Ática, 1982, 2 vols.

Obras em Prosa, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1976

II- Obras de Crítica sobre Fernando Pessoa:

CENTENO, Y.K.; RECKERT, S., Fernando Pessoa - Tempo - Solidão - Hermetismo, Lisboa, Moraes Edit., 1978

COELHO, Jacinto do Prado, Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa, São Paulo, Edit. da USP, 1977

COSTA, Dalila L.P., O Esoterismo de Fernando Pessoa, Porto, Lello & Irmãos-Editores, 1978

GUNTERT, Georges, Fernando Pessoa - O Eu Estranho, Trad. de Maria Fernanda Cidrais, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982

KUJAWSKY, Gilberto de Mello, Fernando Pessoa, O Outro, Rio de Janeiro, Transbrasil, 1973

LIND, Georg Rudolf, Estudos sobre Fernando Pessoa, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981

LOURENÇO, Eduardo, Fernando Pessoa Revisitado, Lisboa, Moraes Editores, 1981

PERRONE-MOISÉS, Leyla, Fernando Pessoa, Aquém do Eu, Além do Outro, São Paulo, Martins Fontes, 1982

QUADROS, Antonio, Fernando Pessoa, Vida, Personalidade e Gênio, Lisboa, Editora Arcádia, 1981

SACRAMENTO, Mário, Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda, Lisboa, Inova, 1970

SEABRA, José Augusto, Fernando Pessoa ou o Poeto-drama, São Paulo, Editora Perspectiva, 1982

SIMÕES, João Gaspar, Vida e Obra de Fernando Pessoa, Lisboa, Bertrand, s.d.